

OS NÚCLEOS DE SEPULTURAS A NORTE DA MURALHA ROMANA DE BRAGA

SET OF GRAVES NORTH OF THE ROMAN WALL OF BRAGA

CRISTINA VILAS BOAS BRAGA

Arqueóloga Gestora de Projeto
ERA Arqueologia
cristina_arqueo@hotmail.com

Recibido: 19/06/2020

Aceptado: 01/03/2021

RESUMO: O espaço de enterramento localizado a norte da cidade romana de Braga, genericamente designado de necrópole do Campo da Vinha, corresponde a um espaço funerário do qual pouco se conhece. Apesar de referenciado, desde 1594, no mapa de Braga de Georg Braun, apenas eram, até recentemente, conhecidos alguns achados de cariz funerário, como estelas funerárias, recolhidas em circunstâncias desconhecidas, em meados do séc. XX. Não obstante, a identificação de um novo núcleo de sepulturas na rua Abade da Loureira, em 2015, ainda que num contexto de emergência e salvamento, lançou uma série de novas pistas relativas à organização e extensão das necrópoles urbanas, principalmente, daquela que se localizava na zona setentrional da cidade romana e tardo-antiga.

Com este trabalho, pretendemos apresentar os novos dados relativos às particularidades topográficas, organização, distintas estratégias de uso e ocupação do espaço funerário referido e o espólio recuperado.

PALABRAS CLAVE: Necrópole, Sepulturas de inumação, Topografia funerária, Antiguidade-Tardia

ABSTRACT: *The burial space located in the northern part of the Roman city, generically called Campo da Vinha necropolis, corresponds to a funerary area that we know little about. Although the area is referred on the Georg Braun map of Braga, dated from 1594, only recently, in the middle of the XXth, through unknown circumstances, were found a few funerary findings, such as stelae. In 2015, in an emergency and rescue archaeological context, were identified, on Abade da Loureira Street, a new nucleus of graves which launched new clues regarding the organization and extension of the urban necropolis, mainly the one located in the northern part of the Roman and late city-old.*

With this work, we pretend to bring new insights to the topographic particularities, organization, clarify the different uses and occupations strategies of the referred funerary area and correlated the recovered grave goods.

KEYWORDS: *Necropolis, Inhumation graves, Funerary topography, Late Antiquity.*

1. INTRODUÇÃO.

O núcleo de necrópole aqui tratado foi identificado na cidade de Braga, cuja fundação romana ocorreu em paralelo com outras duas cidades, *Lucus Augusti e Asturica Augusta*, em torno de 16 a 15 a.C.¹. A cidade floresce inserida numa região em que o povoamento se

1 M. MARTINS, J. RIBEIRO, F. MAGALHÃES, C. BRAGA (2012). "Urbanismo e Arquitetura de *Bracara Augusta*. Sociedade, economia e lazer". In C. Ribeiro, A. Melo (coords.). *História da construção – Arquitetura e técnicas construtivas*. Braga: CITCEM, p. 31.

estruturava com base numa rede de povoados fortificados. Tal como era habitual nas cidades romanas, o modelo de controlo sobre os recursos, as pessoas e sobre o território de influência de *Bracara Augusta* seria fortalecido pela consolidação de um amplo sistema viário². A fundação da cidade permitiu ainda que a população oriunda do substrato indígena se fixasse num espaço distinto do castro, adquirindo, por via da proximidade, novos costumes característicos do universo cultural romano³.

A cidade romana plasma uma série de características padronizadas que passavam pela planificação de cada espaço urbano. Cada equipamento foi encaixado no seio de uma malha ortogonal em que os quarteirões seriam ocupados pela construção de edifícios públicos ou privados, devidamente separados por eixos viários⁴. No entanto, a área periférica e alargada ao redor da cidade foi, de igual forma, abrangida por este sistema de organização. O território foi ordenado segundo um cadastro rural, numa região com cerca de 320 km², com uma malha orientada 16º NNO e uma modelação em centúrias de 20 x 20 *actus*⁵.

No que concerne aos espaços funerários, a sua implantação relativamente ao perímetro urbano é resultante da “norma” romana. De facto, por imposição legal, o espaço sincreticamente dedicado aos mortos desenvolvia-se junto às saídas da cidade, organizando-se as sepulturas e os monumentos funerários na bordadura das vias romanas, permitindo aos que acediam diariamente à cidade a sua visualização, perpetuando, desta forma, a memória dos finados⁶.

A partir de então, a importância da cidade mantém-se e *Bracara* torna-se na capital provincial e sede episcopal cristã, nos finais do século, tornando-se também na capital do reino suevo entre os séculos V e VI⁷.

2 M. MARTINS, H. CARVALHO (2016). “As transformações do território: *Bracara Augusta* e o seu cadastro”. *Revista de Historiografia*, 25, p. 239; M. MARTINS, H. CARVALHO (2017). “A fundação de *Bracara Augusta* no contexto da política de Augusto. Urbanismo e povoamento rural”. *Gerión*, 35, p. 736.

3 M. MARTINS (2009). “*Bracara Augusta*. Panorama e estado da questão sobre o seu urbanismo”. In M. Dopico Cainzos, M. Villanueva Acuña, P. Rodríguez Alvarez, P. Cuba Rodríguez (coords.). *Do castro á cidade: a romanización na Gallaecia e na Hispania indoeuropea: actas do curso de actualización sobre a romanización de Galiza*. Lugo: Deputación de Lugo, p. 182.

4 F. MAGALHÃES (2010). *A arquitectura doméstica em Bracara Augusta*. Tese de mestrado, Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho, Braga; M. MARTINS et al. (2012). “Urbanismo e Arquitetura de *Bracara Augusta*... op. cit., p. 38; J. RIBEIRO (2010). *Arquitectura romana em Bracara Augusta. Uma análise das técnicas edilícias*. Tese de doutoramento, Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho, Braga, vol. I.

5 H. CARVALHO (2008). *O povoamento romano na fachada ocidental do Conventus Bracarenensis*. Tese de doutoramento, Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho, Braga, vols. I e II, pp. 320-321.

6 C. BRAGA (2018). *Morte, memória e identidade. Uma análise das práticas funerárias de Bracara Augusta*. Tese de doutoramento (policopiada), Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho, Braga, vols. I e II.

7 L. FONTES, M. MARTINS, J. RIBEIRO, H. CARVALHO (2010). “A cidade de Braga e o seu território nos séculos V-VII”. In A. García (coord.). *Espacios Urbanos en el Occidente Mediterráneo (s. VI-VIII)*. Toledo: Toletum Visigodo, p. 258.

2. LOCALIZAÇÃO E POSICIONAMENTO.

O posicionamento dos núcleos de necrópole de *Bracara Augusta* identificados nos últimos anos por via de escavações arqueológicas permite constatar a aplicação desta “norma”. Até ao momento, são conhecidas seis necrópoles, com uma forte ligação aos eixos viários de importância principal ou secundária.

A necrópole da Via XVI é aquela sobre a qual pouco conhecemos e a ela encontram-se maioritariamente associados achados dispersos e notícias de jornal cuja informação é difícil de comprovar e analisar. Situação contrária é aquela que se observa com os núcleos de enterramento articulados com a Via XVII. Com este eixo viário estão relacionados os núcleos de necrópole de S. Vítor, Convento dos Remédios, largo Carlos Amarante, Avenida da Liberdade, Cangosta da Palha, túnel da Avenida da Liberdade/ CTT/ Interligação com o túnel da Av. da Liberdade e as sepulturas do largo da Senhora-à-Branca. Associados à Via XVIII, são conhecidos os núcleos da Avenida Central, da rua de Souto/Benjamim Peixoto e as sepulturas da Avenida da Liberdade nº 745. Relacionado com a Via XIX apenas se conhece o núcleo do logradouro da Câmara Municipal de Braga. Quanto à Via XX, conhecem-se os núcleos da rua do Caires e do túnel de Maximinos. Para além destes conjuntos, surgem ainda espaços de enterramento que parecem correlacionar-se com o eixo viário complementar Braga-Tongóbriga, são eles o núcleo da Rodovia e dos Jardins da Misericórdia⁸.

Existem, ainda, núcleos implantados em áreas bastante recuadas relativamente à passagem das vias, dificultando a perceção de articulação entre os diversos espaços funerários com os eixos viários subsidiários. Os casos que aqui se enquadram são o conjunto de sepulturas da praça Conde de Agrolongo, bem como o da rua Abade da Loureira, que aqui tratamos, uma vez que surgem integrados em parcelas de terreno afastadas dos traçados propostos para a passagem das vias XVIII e XIX⁹.

Em 1594, George Braun e Frans Hogenberg elaboram o mapa de Braga, “*Noua Bracaræ Avgvste descriptio*”, assinalando junto da saída norte da cidade um espaço de enterramento de cronologia romana. Curiosamente, os autores não fizeram menção a qualquer outro núcleo de enterramento de cronologia análoga para a cidade, sendo esta a última menção documental moderna deste tipo de espaços de tradição clássica.

Já nos séculos XVIII e XIX, surgem referências à identificação de algumas estelas, descontextualizadas, mas que aparentemente parecem estar associadas, dada a evidente proximidade, ao local de sepultamento que se estruturaria no espaço hoje designado de Campo da Vinha. Pese embora o desconhecimento do seu paradeiro atual, a estela datável dos séculos I-II, retirada debaixo do arco da Porta Nova, em 1865, fazia menção a indivíduos indígenas.

⁸ C. BRAGA (2018). *Morte, memória e identidade... op. cit.*

⁹ *Ibidem.*

Contador de Argote, entre 1716-1725, faz referência a outras estelas, depositadas no Paço Arquiepiscopal, que podem correlacionar-se com a necrópole norte da cidade romana¹⁰.

Ambos os campos epigráficos voltam a mencionar indivíduos de origem indígena (Figura 1b e 1c).

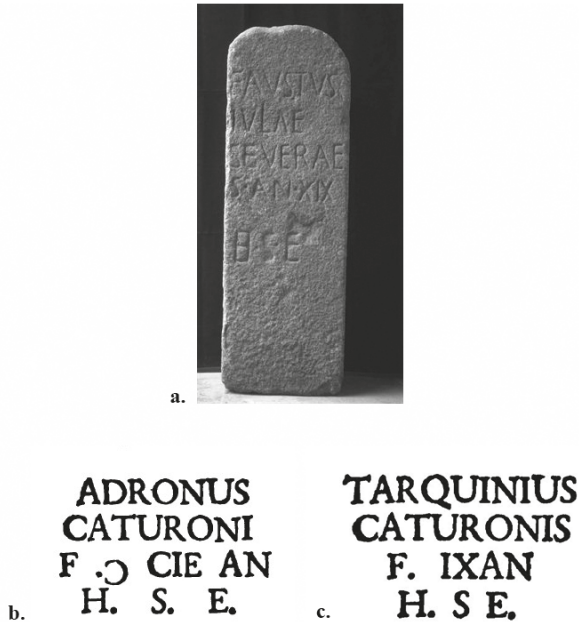


Figura 1. a. Elemento epigráfico funerário dedicado a *Faustus* (@MDDS); b e c. Transcrição dos campos epigráficos realizada por J. Contador de Argote (1738, Livro III, Cap. IX: 238, 250).

É apenas na segunda metade do século XX que voltamos a ter referências a estruturas de enterramento de tradição clássica para o Campo da Vinha. A maior parte dessas menções foi publicada pelo Cónego Arlindo da Cunha entre 1952 e 1976, que divulgou nos jornais diversos apontamentos sobre os achados de cariz funerário descobertos um pouco por toda a cidade. No que concerne ao Campo da Vinha, numa obra contígua à praça, no lado norte, o Cónego relata o aparecimento de seis sepulturas, de inumação, estruturadas com pedra granítica e tijolos, nas quais foram exumados alguns ossos, bem como recolhidas placas de mármore (Figura 2).

Em agosto de 1996, após os trabalhos de acompanhamento arqueológico do parque de estacionamento subterrâneo da Praça Conde de Agrolongo¹¹, foram realizados trabalhos de arranjo de superfície da Praça do Póculo e obras de construção do parque de estacionamento

¹⁰ J. ARGOTE (1738). *De Antiquitatibus Conventus Bracaraugustani*, Livro III, Cap. IX, pp. 238, 250.

¹¹ A. CUNHA (1995). *Trabalhos de escavação no Campo da Vinha – relatório da intervenção no sector V*. Gabinete de Arqueologia. Braga: CMB (Relatório policopiado).

do logradouro da Câmara Municipal de Braga, no edifício do Pópulo. Neste último local foram localizadas quatro sepulturas, na sua maioria em caixa de tijolo, apesar de já bastante destruídas (Figura 3). Pese embora as condicionantes relativas ao parco registo arqueológico, o núcleo de sepulturas em questão deverá corresponder a uma ínfima parcela do espaço de necrópole associado à passagem da Via XIX, cuja proposta de traçado a posiciona a cerca de 60 m a Oeste das sepulturas.

resistencia a terramento. Continuando a cavar com cuidado, desaterraram uns dispositivos tumulares em forma de catacumbas. São ao todo seis essas sepulturas. Perfeitamente rectangulares e orientadas de Nordeste a Sudoeste, são constituídas por lajas de granito bem esquadriadas e cobertas de capas da mesma pedra. O pavimento é de grandes tijolos romanos. Pouco a pouco a pedra é comum a duas sepulturas; e, para que isso não aconteça duplicam-se as laterais que ficam encostadas uma à outra. Além disso, ao passo que em dois sarcófagos a caixa tumular é toda constituída de tijolos, em dois deles há da parte interior da caixa de pedra uma fiada dos ditos tijolos, o que reduz bastante a largura da mesma.

Apareceram alguns ossos humanos razoavelmente conservados e na quinta sepultura a contar da direita do espectador, havia sinais manifestos de cal.

Infelizmente não apareceu inscrição alguma mas foram encontradas duas lâminas, bastante salitradas, de mármore e anepígrafas, tal qual.

(Continua na 3.ª página)

Figura 2. Excerto da notícia do Cônego Arlindo “Necrópole romana em Braga” (Correio Minho, 15/10/1953).

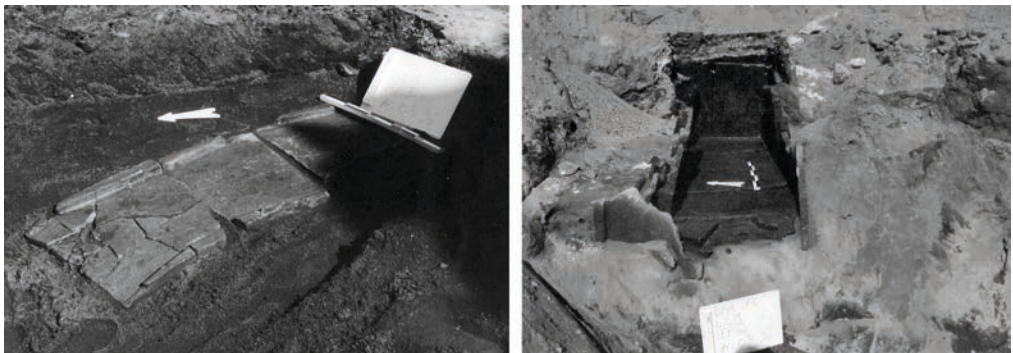


Figura 3. Perspetiva de duas das sepulturas encontradas no logradouro da Câmara Municipal de Braga (©GACMB).

O núcleo da rua Abade da Loureira foi descoberto em 2015, no decurso de uma obra para a construção do novo Arquivo da Biblioteca de Braga. Após a identificação de algumas sepulturas, realizada pelos técnicos do Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal de Braga (GACMB), a Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho (UAUM) interveio, tendo procedido à escavação arqueológica e ao levantamento e registo das estruturas funerárias, em parceria com os técnicos do mesmo gabinete.

Este novo conjunto de sepulturas, localizado a cerca de 540 m do limite norte da muralha romana, encontra-se num espaço sem quaisquer notícias de outros achados arqueológicos, à exceção das sepulturas identificadas no século passado. Além disso, surge numa área intermédia entre a passagem da Via XIX e a Via XVIII, pelo que, forçadamente, deveria ser servido por eixos viários de relevância secundária, que até à data não foram identificados.

Apesar da inexistência de levantamentos cartográficos mais antigos que sinalizem vias complementares, é de suspeitar que alguns desses percursos existissem, fossilizados, inclusivamente, por eixos viários utilizados em épocas posteriores, como a medieval e moderna, mas que hoje se mantêm anónimos.

Esta hipótese é reforçada pela sinalização de diversos eixos viários no mapa da Fonte de Pão de Trigo, do século XVIII (*domonstração geographica... extramuros da cidade de braga* - depositado na Torre do Tombo). Neste mapa, estão representadas as delimitações de propriedades e respetivos acessos secundários, numa área contígua à atual rua Abade da Loureira, itinerários viários esses que mediavam a ligação entre a cidade e as áreas rurais. Neste levantamento, atesta-se a existência de caminhos de terra batida que ligavam a cidade a “S. Martinho”, referindo-se, provavelmente, a S. Martinho de Dume, com passagem pelo Castro Máximo. Quando georeferenciado o mapa, é possível verificar que os eixos viários mantêm uma orientação de cerca de 16º NNO, ainda que com pontuais desvios de traçado, sendo, não obstante, coincidente com a hipotética malha do cadastro romano estudado por Helena Carvalho¹². Assim, não seria de estranhar que percursos idênticos, de cronologia mais recuada, atravessassem e servissem as áreas contíguas ao núcleo de necrópole em questão, podendo esses terem sido usados durante períodos históricos posteriores.

No que concerne às sepulturas, a análise não revela uma tipologia muito diversificada nem com características distintas daquelas já conhecidas para as necrópoles de *Bracara Augusta*.

Refira-se, apenas, que aquando da intervenção da equipa de arqueologia, foi possível observar que a ação de meios mecânicos destruiu parcial e integralmente algumas estruturas funerárias, não tendo sido possível definir o grau de destruição. Ainda assim, procedeu-se à avaliação e registo da estratigrafia do local e à escavação integral dos aterros que se articulavam com uma estrutura de inumação, a única sepultura plenamente conservada.

¹² H. CARVALHO (2008). *O povoamento romano na fachada... op. cit.*; M. MARTINS, H. CARVALHO (2016). “As transformações do território... op. cit., pp. 239-241.



Figura 4. Mapa Fonte de Pão de Trigo, com a localização do núcleo de sepulturas da rua Abade da Loureira.

Das cinco estruturas identificadas, atendendo, por um lado, à morfologia das estruturas, e, por outro lado, à ausência de depósitos de cremação, poder-se-á concluir que estejam todas associadas ao ritual de inumação. Uma das sepulturas (Sepultura III), parcialmente destruída, apresentava uma estrutura com paredes de aparelho irregular, constituídas por pedras de granito, leito em tijolo, e capeamento formado por grandes blocos graníticos.

Foi ainda identificada uma outra sepultura (Sepultura I), construída com recurso a tijolos e tégulas, exclusivamente aplicados no lastro e na cobertura. As duas últimas estruturas funerárias identificadas correspondem aos tipos mais simples, ou seja, covas abertas no substrato rochoso, com secção em U, pouco profundas (Sepulturas IV e V).

A única sepultura integralmente escavada (Sepultura II), correspondia a uma estrutura com orientação oeste (cabeceira)/ este (pés), com um vão interno de 1,80 x 0,48 x 0,71m, cujas paredes e leito, construídos por pedra de material laterício, se encontravam revestidos por uma argamassa, semelhante a *opus signinum*, talvez numa tentativa de ocultar o aparelho pouco regular. Aliás, após a desmontagem das paredes, foi possível constatar que se aproveitou, inclusivamente, um bloco almofadado, que formalizava a parede poente. O leito era formado por tijolos do tipo *lydion*, bem conservados numa extensão máxima de 1,64m.

No exterior, junto ao alçado sul da sepultura, foi ainda identificada uma acumulação de pedra granítica, imbricada, aparentemente centrada com a estrutura funerária. Ainda que mal conservado, julgamos que este vestígio poderá corresponder a um alicerce para a colocação de um possível elemento de sinalização, não recuperado e cujas características nos escapam.



Figura 5. Distintos pormenores construtivos da Sepultura II (©UAUM).

3. TOPOGRAFIA FUNERÁRIA DO NÚCLEO DE SEPULTURAS.

Relativamente à topografia do local, o núcleo surge implantado num espaço de meio encosta de uma pequena colina, característica topográfica que ainda hoje é perceptível. Assim, mesmo durante a Antiguidade, o local conservaria o declive acentuado, no sentido S/N. Por este motivo, não é estranha a circunstância de as sepulturas se encontrarem dispostas em plataformas, como forma de contornar os declives, apresentando os mesmos desníveis uma diferença altimétrica de apenas dois metros, num intervalo de cerca de 22 m¹³.

Apesar de serem poucos os dados que conseguimos obter, foi possível recuperar outras especificidades relacionadas com a organização das sepulturas. Verifica-se a sobreposição parcial entre algumas das estruturas funerárias identificadas, o que parece denunciar a existência de um espaço funerário pouco organizado, que escapava à lógica de um terreno subdividido em lotes funerários predefinidos num momento coincidente à última fase de utilização deste espaço de enterramento. Por outro lado, parece ter existido uma tentativa de ampliar a área disponível para a colocação de sepulturas. Isto é perceptível através da relação estratigráfica existente entre a Sepultura II e III (Figura 6), uma vez que esta última é implementada sobre um espesso aterro que ocultou por completo a primeira¹⁴.

Esta adaptação do espaço funerário às condicionantes topográficas dos terrenos é algo comum em Braga, tal como documentado na Cangosta da Palha. Neste núcleo de necrópole afeto à Via XVII, os lotes funerários encontravam-se bem definidos, com as sepulturas organizadas em diferentes plataformas, não se verificando uma sobreposição ostensiva entre as sepulturas¹⁵, situação distinta da que observamos para o núcleo da Abade da Loureira.

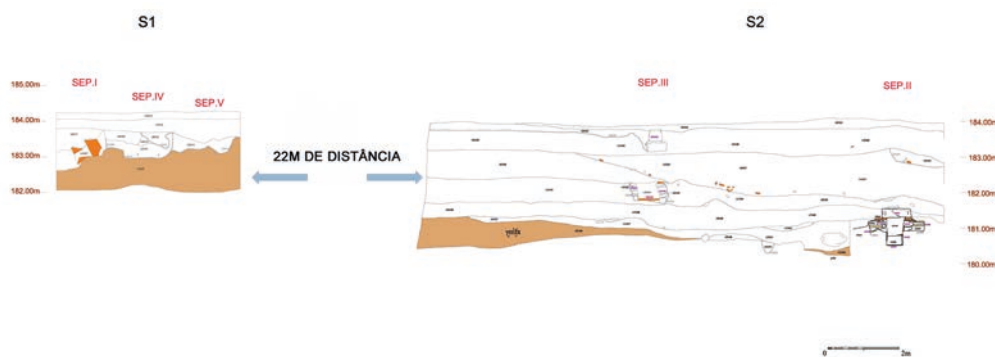


Figura 6. Corte estratigráfico da área escavada na rua Abade da Loureira (Braga, 2018, p. 353).

13 C. BRAGA (2018). *Morte, memória e identidade...* op. cit., p. 353.

14 *Ibidem*.

15 *Ibid*, pp. 106-110.

Por outro lado, noutros espaços de enterramento, existem evidências de ações de terraplanagem, com rebaixamento do saibro e extração de batólitos graníticos, o que permitiria aumentar a área disponível para o ato de enterrar¹⁶.

4. FASES DE USO DO NÚCLEO FUNERÁRIO E O ESPÓLIO.

Aliando a análise estratigráfica ao material cerâmico recuperado, foi possível estabelecer pelo menos duas fases de uso do espaço funerário. Ressalve-se que o espólio exumado e estudado se apresentava bastante fragmentado e em número reduzido.

A fase mais antiga encontra-se associada ao uso da necrópole entre os séculos I-II, proposta estabelecida com base na identificação de um fragmento de *terra sigillata* hispânica, um bordo de jarro de cerâmica comum romana e alguns fragmentos de cerâmica indígena. Estes fragmentos estão relacionados com dois enchimentos, um de nivelamento junto ao substrato rochoso (UE037), e outro que preenchia uma extensa vala, onde se acumulam sedimentos muito heterogêneos, à mistura com outros, semelhantes a detritos de cremação (com acumulação de cinzas, carvões e matéria rubificada; UE041)¹⁷. Todavia, até ao momento, não nos é possível avançar mais dados sobre a paisagem funerária deste núcleo para o período alto imperial.

A Fase II corresponde já aos séculos V-VII. Este momento foi estabelecido com base num conjunto de cerâmicas retirado dos interstícios das paredes da Sepultura II (que foi desmontada por via da escavação arqueológica, UE051). Estes dados foram confrontados com a cerâmica recolhida no aterro que recobria a mesma sepultura (UE036), mais concretamente, um fragmento de parede de cerâmica cinzenta tardia, de produção local (UE051), e uma parede de ARSW D (UE036)¹⁸.

Os trabalhos arqueológicos permitiram apurar que o defunto terá sido colocado diretamente sobre o leito, face à inexistência de elementos metálicos como pregos, rebites e ferragens, abundantes nas restantes sepulturas, e que, por norma, denunciam a deposição de um qualquer tipo de contentor funerário, como o caixão ou padiola. Cabe-nos ainda referir que não foram encontrados quaisquer elementos de adereço pessoal que denunciem um tratamento funerário mais singular, tal como não foram recuperadas evidências relacionadas com a deposição de material votivo.

Esta escassez de espólio funerário durante a Antiguidade Tardia não corresponde propriamente a uma novidade, mas antes a uma tendência generalizada atestada em outras áreas funerárias mais longínquas, tais como as necrópoles do Algarve ou a necrópole alentejana de Silveirona¹⁹, verificando-se o mesmo fenómeno em *Bracara*. A deposição de oferendas

16 *Ibid*, p. 501.

17 *Ibid*, p. 353.

18 *Ibid*, p. 354.

19 M. CUNHA (2008). "As necrópoles de Silveirona (Santo Estêvão, Estremoz) – Do Mundo Romano à Antiguidade Tardia". *O Arqueólogo Português*, Suplemento 4, p. 79. PEREIRA, C. (2014). *As necrópoles romanas do*

ou de espólio funerário neste período é rara, contando-se apenas duas exceções, assinaladas nos núcleos do Quarteirão CTT- Liberdade Street Fashion e dos Jardins da Misericórdia, correspondentes a duas estruturas de inumação, datadas dos séculos V-VII²⁰.

A justificar esta alteração paradigmática dos rituais funerários, ter-se-á que considerar as crescentes preocupações e prescrições relativas ao ritual funerário, temas recorrentes nas reuniões conciliares realizadas em momentos tão dispares como o II Concílio de Braga, em 572, ou o XII Concílio de Toledo, em 681²¹. De facto, nestas disposições conciliares amplifica-se o apelo à contenção na introdução de bens materiais nas sepulturas, à proibição da realização do banquete e a persistente solicitação para o recato das exéquias fúnebres, o que poderá ter condicionado as atitudes da comunidade local perante os seus mortos e os rituais fúnebres. De alguma forma, a ciclicidade no debate destes temas ao longo dos vários decénios é também bastante reveladora da provável persistência e enraizamento das práticas funerárias de tradição clássica que se pretendia combater. Ainda assim, as disposições conciliares podem, de algum modo, ter sortido algum tipo de influência sobre a comunidade local, fortemente influenciada pela crescente emergência da classe eclesiástica, interessada, não só no incremento e difusão do Cristianismo, mas também na consolidação de uma nova organização territorial administrativa²².

Após os séculos V-VII, esta área parece ter deixado de funcionar como espaço de necrópole, pelo que a tumulação se deverá ter fixado nas proximidades dos novos polos de atração religiosa, responsáveis pela alteração da topografia funerária. Este é o caso das basílicas cemiteriais e martiriais, que se encontram vinculadas com um novo culto funerário de características cristãs (Figura 7), localizadas agora um pouco por toda a periferia de *Bracara* e que, inclusivamente, parecem estar relacionadas com o surgimento dos novos centros paroquiais²³.

Note-se, aliás, que após o século VII, o abandono dos espaços de necrópole de fundação romana corresponde a um fenómeno generalizado em todos os núcleos de necrópoles já conhecidos na cidade²⁴.

Algarve - Acerca dos espaços da morte no extremo sul da Lusitânia. Tese de doutoramento, Departamento de História - Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa, vols. I e II, p. 429.

20 C. BRAGA (2018). *Morte, memória e identidade...* op. cit., pp. 267-268, 349.

21 J. BERNARDES (2017). "A transformação do espaço funerário no ocidente entre os séculos IV e VI. Ambiguidades e *loci sepulturae* em espaços rurais do sul da Lusitânia: o caso dos templos". In C. Teixeira, A. Carneiro (coords.). *Arqueologia da transição: entre o mundo romano e a Idade Média*. Serie *Humanitas Supplementum* Estudos Monográficos. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, p. 371; J. MORÍN DE PABLOS, R. BARROSO CABRERA (2005). "El Mundo funerario de época visigoda en la Comunidad de Madrid". In *Primeras Jornadas de Patrimonio Arqueológico en la Comunidad de Madrid*. Madrid: Comunidad de Madrid, Dirección General de Patrimonio Histórico, pp. 209-210.

22 L. FONTES (2008). "A igreja sueva de São Martinho de Dume - Arquitectura cristã antiga de Braga e na antiguidade tardia do Noroeste de Portugal". *Revista de História da Arte*, 6, p. 175.

23 L. FONTES et al. (2010). "A cidade de Braga e o seu território..." op. cit., pp. 258-261.

24 C. BRAGA (2018). *Morte, memória e identidade...* op. cit.; M. MARTINS, M. DELGADO (1989/90). "As necrópoles de *Bracara Augusta*". *Cadernos de Arqueologia*, série II, Vol. 6/7, pp. 41-187.



Figura 7. Localização aproximada das basílicas paleocristãs de *Bracara*.

5. CONCLUSÕES.

O aparecimento de um espaço funerário numa área tão afastada em relação ao limite da cerca urbana relança novas interrogações que recaem principalmente na larga extensão de terreno ocupado pelas necrópoles, principalmente relevante para que se perceba qual seria a mediação estabelecida entre as áreas de enterramento e as zonas de influência das *villae*. O tema ainda hoje é amplamente debatido, ainda que sem conclusões objetivas.

Ainda assim, o afastamento deste núcleo em relação à cidade numa fase tão tardia levamos a equacionar a possibilidade de, nas imediações, ter existido, a dada altura, um aglomerado habitacional, de cronologia tardo-romana, de características rurais, ou até um espaço cultural, cujas especificidades até ao momento nos escapam.

As necrópoles localizadas a norte da cidade tardo-antiga continuam a ser as menos conhecidas, tendo a realidade mudado, paulatinamente, com a proliferação do número de intervenções arqueológicas que se tem vindo a realizar na cidade de Braga nos últimos anos. Em maio de 2018, numa intervenção arqueológica da responsabilidade do GACMB, foi encontrado um novo conjunto de duas sepulturas na rua do Alferes Alfredo Ferreira, nº 41. As estruturas funerárias eram distintas, a primeira correspondia a uma cova simples, e a segunda era estruturada com paredes de tijolo²⁵. Ambas as estruturas parecem estar implantadas a norte das sepulturas que o Cônego Arlindo da Cunha publicitou, em 1953, e a nascente do conjunto de sepulturas identificado em 1996.

Já em fevereiro de 2020, também na rua do Alferes Alfredo Ferreira, nº 75-77, numa intervenção arqueológica assegurada pela empresa Império - Arqueologia, foi identificado um novo conjunto de inumações, na sua maioria em cova simples embora se tenham recuperado outras sepulturas estruturadas em caixa, com recurso a material laterício²⁶.

Pese embora estes contributos recentes, fundamentais para a reconstituição da paisagem funerária desta área de enterramento, ter-se-á de aguardar pela descoberta de novos núcleos de sepulturas, para se deslindar as dinâmicas de uso e os rituais funerários levados a cabo neste espaço.

BIBLIOGRAFIA.

ARGOTE, J. (1738). *De Antiquitatibus Conventus Bracaraugustani*, Livro V.

BERNARDES, J. (2017). "A transformação do espaço funerário no ocidente entre os séculos IV e VI. Ambiguidades e *loci sepulturae* em espaços rurais do sul da Lusitânia: o caso dos templos". In C. Teixeira, A. Carneiro (coords.). *Arqueologia da transição: entre o mundo romano e a Idade Média*.

25 Agradecemos a partilha dos dados prestada pelo GACMB e a disponibilidade do Dr. Armandino Cunha. Os dados não foram incluídos neste trabalho por se encontrarem em tratamento.

26 Agradecemos a colaboração da empresa Império - Arqueologia e os esclarecimentos prestados pelo arqueólogo Filipe Gouveia. Os dados encontram-se em análise pelos responsáveis da intervenção arqueológica.

- Serie *Humanitas Supplementum* Estudos Monográficos. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, pp. 367-386.
- BRAGA, C. (2018). *Morte, memória e identidade. Uma análise das práticas funerárias de Bracara Augusta*. Tese de doutoramento (policopiada), Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho, Braga, vols. I e II.
- CARVALHO, H. (2008). *O povoamento romano na fachada ocidental do Conventus Bracarenensis*. Tese de doutoramento, Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho, Braga, vols. I e II.
- CUNHA, A. (1953, 15 de outubro): "Necrópole romana em Braga". *Correio do Minho*.
- CUNHA, A. (1995). *Trabalhos de escavação no Campo da Vinha – relatório da intervenção no sector V*. Gabinete de Arqueologia. Braga: CMB (Relatório policopiado).
- CUNHA, M. (2008). "As necrópoles de Silveirona (Santo Estêvão, Estremoz) – Do Mundo Romano à Antiguidade Tardia". *O Arqueólogo Português*, Suplemento 4, pp. 9-246.
- FONTES, L. (2008). "A igreja sueva de São Martinho de Dume - Arquitectura cristã antiga de Braga e na antiguidade tardia do Noroeste de Portugal". *Revista de História da Arte*, 6, pp. 163-181.
- FONTES, L., MARTINS, M., RIBEIRO, M., CARVALHO, H. (2010). "A cidade de Braga e o seu território nos séculos V-VII". In A. García (coord.). *Espacios Urbanos en el Occidente Mediterráneo (s. VI-VIII)*. Toledo: Toletum Visigodo, pp. 255-262.
- MAGALHÃES, F. (2010). *A arquitectura doméstica em Bracara Augusta*. Tese de mestrado, Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho, Braga.
- MARTINS, M. (2009). "Bracara Augusta. Panorama e estado da questão sobre o seu urbanismo". In M. Dopico Cainzos, M. Villanueva Acuña, P. Rodríguez Alvarez, P. Cuba Rodríguez (coords.). *Do castro á cidade: a romanización na Gallaecia e na Hispania indoeuropea: actas do curso de actualización sobre a romanización de Galiza*. Lugo: Deputación de Lugo, pp. 181-211.
- MARTINS, M., CARVALHO, H. (2016). "As transformações do território: *Bracara Augusta* e o seu cadastro". *Revista de Historiografia*, 25, pp. 219-243.
- MARTINS, M., CARVALHO, H. (2017). "A fundação de *Bracara Augusta* no contexto da política de Augusto. Urbanismo e povoamento rural". *Gerión*, 35, pp. 723-743.
- MARTINS, M., DELGADO, M. (1989/90). "As necrópoles de *Bracara Augusta*". *Cadernos de Arqueologia*, série II, Vol. 6/7, pp. 41-187.
- MARTINS, M., RIBEIRO, J., MAGALHÃES, F., BRAGA, C. (2012). "Urbanismo e Arquitectura de *Bracara Augusta*. Sociedade, economia e lazer". In C. Ribeiro, A. Melo (coords.). *História da construção – Arquitectura e técnicas construtivas*. Braga: CITCEM, pp. 29-68.
- MORÍN DE PABLOS, J., BARROSO CABRERA, R. (2005). "El Mundo funerario de época visigoda en la Comunidad de Madrid". In *Primeras Jornadas de Patrimonio Arqueológico en la Comunidad de Madrid*. Madrid: Comunidad de Madrid, Dirección General de Patrimonio Histórico, pp. 183-214.
- PEREIRA, C. (2014). *As necrópoles romanas do Algarve - Acerca dos espaços da morte no extremo sul da Lusitânia*. Tese de doutoramento, Departamento de História - Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa, vols. I e II.
- RIBEIRO, J. (2010). *Arquitectura romana em Bracara Augusta. Uma análise das técnicas edilícias*. Tese de doutoramento, Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho, Braga, vol. I.